

Capítulo I

Casa de Audiências do Rei, Caldwell, NY

ALGUNS TIPOS DE FORMATURA aconteciam em particular.

Alguns desses marcos importantes para a fase seguinte em nossas vidas não incluíam chapéus e becas, nenhuma orquestra humana tocando “Pompa e Circunstância”. Não havia um palco o qual atravessar, tampouco um diploma para pendurar na parede. Também não existiam testemunhas.

Algumas graduações eram marcadas por coisas simples, corriqueiras, nada especiais, como uma pessoa esticando a mão até o monitor da Dell para apertar o botãozinho azul no canto inferior direito da tela. Uma ação tão comum, feita tantas vezes numa semana, num mês, num ano, mas, ainda assim, naquele momento em especial, um divisor de águas.

Enquanto Paradise, filha de Abalone, Primeiro Conselheiro de Wrath, filho de Wrath, pai de Wrath, Rei de todos os vampiros, estava sentada em sua cadeira de escritório, ficava olhando para a tela preta diante dela. Inacreditável. A noite que ela tanto esperava estava quase chegando.

Em grande parte as últimas oito semanas se arrastaram, mas nessas derradeiras noites, tudo mudou, passando para um modo catapulta. De repente, depois de ter passado por sete mil horas de espera para que a lua se erguesse no céu, ela sentia que queria que as coisas desaccelerassem de novo.

O seu primeiro emprego agora já era coisa do passado.

Olhando por sobre a escrivaninha, rearranjou o aparelho de telefone em um centímetro. Endireitou o vitral com desenho de libélula da luminária da Tiffany. Certificou-se de que as canetas azuis estivessem

num porta-canetas e as vermelhas, num outro. Alisou a palma sobre a superfície limpa do mata-borrão e o topo do monitor.

A sala de espera estava vazia; as cadeiras forradas de seda, desocupadas; as revistas, ordenadas nas mesinhas auxiliares; os copos com as bebidas servidas pelos *doggens* àqueles que ali estiveram, já retirados.

O último cidadão comum se retirara meia hora antes. O alvorecer seria dali a duas horas. Considerando-se tudo, era o fim normal de uma noite de trabalho duro, a hora em que ela e o pai voltariam para a propriedade da família para desfrutarem de uma refeição completa regada com conversas e planos, e respeito mútuo.

Paradise se inclinou para frente e espiou na curva do arco de entrada para a sala de estar. Do lado oposto ao vestíbulo, as portas duplas que antes davam para uma sala de jantar formal da mansão estavam fechadas.

Sim, apenas mais uma noite normal, a não ser pela reunião informal que estava acontecendo ali. Assim que a última audiência terminara, seu pai fora chamado à sala de audiências e aquelas portas foram fechadas.

Ele estava lá dentro com o Rei e dois membros da Irmandade da Adaga Negra.

– Não façam isso comigo – ela disse. – Não tirem isso de mim.

Paradise se levantou e começou a andar, reorganizando as revistas, reafofando as almofadas, parando diante do retrato a óleo de um monarca francês.

Voltando à arcada, olhando para as portas fechadas da sala de jantar, ficou atenta às batidas fortes do seu coração.

Erguendo as mãos, inspecionou os calos nas palmas. Eles não foram provocados pelo seu trabalho ali junto ao pai e à Irmandade nos últimos meses, organizando a agenda, pesquisando casos, resoluções e acontecimentos subsequentes. Não, pela primeira vez na vida, ela vinha se exercitando. Levantando pesos. Correndo na esteira. Fazendo *step*. Barras suspensas, flexões, abdominais. Remo seco.

Antes, ela sequer sabia o que era remo seco..

E tudo como preparo para a noite seguinte.

Desde que aquele grupo de machos na sala de audiências do Rei não tirasse aquilo dela.

Na noite seguinte, à meia-noite, ela deveria se juntar a somente a Virgem Escriba sabia quantos machos e fêmeas numa localização

secreta, onde ela tentaria passar pelo teste daqueles que seriam aceitos para o programa de treinamento de soldados da Irmandade da Adaga Negra.

Era um bom plano. Algo que ela decidira perseguir, uma possibilidade de independência e de descer o cacete nos inimigos para provar que ela era mais do que simplesmente o seu pedigree. O problema? Filhas de puro sangue da *glymera*, ainda mais de uma das Famílias Fundadoras, não treinavam para se tornar soldados. Não lidavam com adagas e pistolas. Não aprendiam a lutar para se defender. Sequer sabiam o que era um *reductor*.

Tampouco *se associavam* com soldados.

Filhas como ela eram ensinadas a fazer ponto cruz, educadas em música clássica e canto, boas maneiras, e administrar uma mansão repleta de *doggens*. Esperava-se que elas entendessem o complicado calendário social e os ciclos dos festivais, mantivessem-se atualizadas no quesito guarda-roupa e soubessem diferenciar Van Cleef & Arpels, Boucheron e Cartier. Eram *ehnclausuradas*, protegidas e adoradas assim como todas as joias o eram.

A única coisa perigosa que lhes era permitido fazer? Procriar. Com um *hellren* escolhido pela família a fim de garantir a santidade de suas linhagens.

Era um milagre que o pai estivesse permitindo que ela fizesse aquilo.

Definitivamente ele não estivera de acordo assim que ela lhe mostrara o formulário de inscrição. Mas acabara mudando de ideia, permitindo que ela se inscrevesse. Os ataques ocorridos alguns anos antes, quando tantos vampiros foram assassinados pela Sociedade Redutora, provaram que Caldwell, em Nova York, era um lugar perigoso. E ela lhe dissera que não era sua intenção sair para lutar nas ruas. Ela só queria aprender a se defender.

Depois de apresentar a questão sob o ponto de vista de sua segurança? Foi então que seu pai mudou de ideia.

A verdade, no entanto, era que ela só queria algo que fosse seu apenas. Uma identidade que se originasse de outro lugar que não somente aquela que o seu nascimento lhe forçava.

Além disso, Peyton lhe dissera que ela não conseguiria.

Porque era uma fêmea.

Ele que se danasse!

Paradise olhou uma vez mais para as portas.

– Vamos lá...

Andando de um lado para o outro, acabou indo parar no vestíbulo, mas não quis se aproximar muito do lugar onde os machos conversavam... Como se aquilo pudesse dar azar.

Deus, o que estariam conversando ali?

Normalmente, o Rei saía assim que a última audiência se encerrava. Se ele e a Irmandade tinham assuntos particulares ou assuntos de guerra para discutir, isso era conduzido na residência da Primeira Família, um lugar tão secreto que nem mesmo o seu pai era convidado a ir até lá.

Portanto, aquilo só podia estar acontecendo por sua causa.

De volta à sala de espera, foi até a escrivadinha e contou as horas em que estivera sentada ali. Fazia apenas uns dois meses que o emprego era seu, mas gostava do trabalho. Até certo ponto. Ausentando-se, desde que fosse aceita no programa de treinamento da IAN, uma prima sua assumiria seu posto, e ela passara as últimas sete noites mostrando toda a rotina, explicando os procedimentos que ela própria estabelecera, a fim de garantir que a transição acontecesse de maneira suave.

Recostando-se na cadeira, abriu a gaveta do meio e pegou a sua inscrição, como se isso pudesse, de algum modo, garantir que aquilo ainda aconteceria.

Ao segurar o documento, ficou imaginando quem mais estaria na orientação da noite seguinte... E pensou no macho que aparecera ali na casa de audiências, querendo uma versão impressa do formulário de inscrição.

Alto, ombros largos, voz grave. Usando um boné de baseball do Syracuse e jeans puídos pelo que aparentava ter sido causado por trabalho de verdade.

A comunidade dos vampiros era pequena, e ela nunca o vira antes. Mas talvez ele fosse apenas um cidadão comum? Essa era outra mudança no programa de treinamento. Antes, somente machos da aristocracia eram convidados a trabalhar com a Irmandade.

Ele lhe dera seu nome, mas recusara-se a apertar a mão dela.

Craeg. Era só o que ela sabia.

Contudo, ele não fora rude. Na verdade, até apoiara a sua decisão de enviar a sua inscrição.

Também fora... cativante de um modo que a chocara, a ponto de ela ter esperado semanas inteiras que ele voltasse trazendo o formulário. Ele não voltara. Talvez o tivesse escaneado e enviado eletronicamente.

Ou, talvez, tivesse resolvido não se inscrever no fim das contas.

Parecia loucura ficar desapontada com a possibilidade de nunca mais encontrá-lo.

Quando seu celular emitiu um trinado, ela se sobressaltou e pegou o aparelho. Peyton. De novo.

Ela o veria na orientação na noite seguinte, e isso já seria cedo demais. Depois da discussão que tiveram quanto a ela se juntar ao programa, ela teve que se afastar daquela amizade.

Mas, pensando bem, se a Irmandade se recusasse a admiti-la? Aquela indignação que ela sentia em relação ao rapaz de nada serviria. Mas a questão era que era permitido às fêmeas se inscreverem.

O problema maior era que ela não era uma fêmea "normal".

Caramba, não sabia o que faria se o pai recuasse. Mas com certeza a Irmandade não esperaria até o último minuto para rejeitar a sua inscrição.

Certo?



Do outro lado da cidade, Marissa, a *shellan* vinculada do Irmão da Adaga Negra *Dhestroyer*, também conhecido como Butch O'Neal, estava sentada à sua escrivaninha no Lugar Seguro. Quando a poltrona emitiu um rangido, ela bateu a ponta da sua caneta Bic no calendário que cobria a mesa e passou o telefone para a outra orelha.

Interrompendo a torrente de palavras, ela disse:

– Garanto que aprecio o convite, porém, não posso...

A fêmea do outro lado da ligação não perdeu o ritmo. Continuou falando, sua entonação aristocrática preenchendo o espaço, até parecer admirável que o bairro inteiro não sofresse uma sobrecarga.

– ... e consegue entender o motivo de precisarmos da sua ajuda. Será o primeiro Festival Dançante do Décimo Segundo Mês a acontecer após os ataques. Como *shellan* de um Irmão, e membro de uma das Famílias Fundadoras, você seria a anfitriã perfeita para tal evento...

Tentando dar mais uma chance à sua *recusa*, Marissa a interrompeu:

– Não sei se é de seu conhecimento, porém, eu trabalho em tempo integral como diretora do Lugar Seguro e...

– ... e o seu irmão disse que você seria uma boa escolha.

Marissa se calou.

Seu primeiro pensamento foi o de que era quase improvável que Havers, o médico da raça e seu irmão muito, mais muito mesmo distanciado, a tivesse recomendado para qualquer coisa que não fosse um tumulto antecipado. O segundo envolvia exclusivamente cálculos matemáticos... Há quanto tempo não falava com ele? Dois anos? Três? Não desde que ele a expulsara da casa deles, uns cinco minutos antes do nascer do sol, quando ficara sabendo do seu interesse por um mero humano.

Que acabaram descobrindo se tratar de um primo de Wrath e a encarnação da lenda do *Dhestroyer*.

Tá gostando de mim agora?, ela ouviu em sua cabeça.

– Dito isso, você *tem* que presidir o evento – concluiu a fêmea. Como se o assunto estivesse resolvido.

– Você precisa me desculpar. – Marissa pigarreou. – Mas o meu irmão não está em posição de oferecer o meu nome para nada, como se ele e eu não tivéssemos nos visto já há algum tempo.

Quando apenas um silêncio absoluto se fez na conversa, ela concluiu que deveria ter mencionado os podres da família uns dez minutos antes: os membros da *glymera* deviam observar um código de comportamento muito rígido, e expor a colossal fissura em sua linhagem, mesmo ela sendo amplamente conhecida, era algo que simplesmente não se fazia.

Era muito mais apropriado deixar que os outros cochichassem a respeito às suas costas.

Infelizmente, a fêmea se recobrou e mudou de tática:

– De todo modo, é de importância vital que todos os membros da nossa classe retomem os festivais...

Uma batida à porta do seu escritório fez com que Marissa desviasse o olhar.

– Sim?

No telefone, a fêmea exclamou:

- Maravilha! Você pode vir à minha propriedade...
- Não, não. Alguém está precisando de mim – ela disse mais alto.
- Pode entrar.

No instante em que viu a expressão de Mary, imprecou. Não eram boas notícias. A *shellan* de Rhage era sempre absolutamente profissional, e para ela estar daquele jeito? Era algum problema grave...

Aquilo na blusa dela era *sangue*?

Marissa deixou seu tom de voz mais grave e abandonou qualquer sinal de boa educação.

– A minha resposta é não. O meu trabalho consome todo o meu tempo. Além do mais, se está tão interessada nisso, você mesma deveria assumir o posto. Passar bem.

Recolocando o fone no gancho, levantou-se.

– O que aconteceu?

– Acabamos de acolher alguém que precisa de cuidados médicos imediatos. Não estou conseguindo encontrar a doutora Jane e nem Ehlena em lugar nenhum. Não sei o que fazer.

Marissa apressou-se para a frente da escrivania.

– Onde ela está?

– Lá embaixo.

As duas desceram as escadas correndo, Marissa na frente.

– Como ela chegou?

– Não sei. Uma das câmeras de segurança pegou a imagem dela no jardim, se arrastando.

– O quê?

– O meu celular disparou o alarme, e eu corri para fora com Rhym. Nós a carregamos até a sala de estar.

Fazendo a curva no andar de baixo, Marissa derrapou num dos tapetes.

E parou de pronto.

Quando viu a condição da fêmea sobre o sofá, levou a mão à boca.

– Ah, meu Deus... – sussurrou.

Sangue. Havia sangue em todo lugar, pingando no chão, encharcando as toalhas brancas pressionadas sobre os ferimentos, empoçando-se sob um dos pés da fêmea sobre o carpete.

A jovem fora surrada tão violentamente que não havia como identificá-la, suas feições estavam inchadas, e se não tivesse cabelos longos

nem com a saia rasgada, não se saberia determinar o seu sexo. Um braço estava evidentemente deslocado, pendurado a partir do ombro... e ela só estava calçando o sapato de salto esquerdo, as meias de seda, rasgadas.

A respiração dela era muito, muito superficial. Apenas um ruído no peito, como se ela estivesse se afogando no próprio sangue.

Rhym, a supervisora, levantou o olhar de sua posição agachada ao lado do sofá. Em meio às lágrimas, ela sussurrou:

– Não acho que ela vá sobreviver. Como poderá...?

Marissa tinha que se recompor. Era a única opção.

– Não conseguiram localizar nem a doutora Jane nem Ehlena?

– Tentei na mansão – Mary respondeu. – Na clínica. Os celulares delas. Duas vezes em todos os lugares.

Por uma fração de segundo, Marissa se aterrorizou com o que aquilo podia significar para a sua própria vida. Os Irmãos estavam feridos? Butch estaria bem?

Isso durou apenas um segundo.

– Me dê o seu celular... E levem as residentes para o anexo Wellsie. Quero todas lá para o caso de eu ter que trazer um macho para cá.

Mary lhe passou o telefone e assentiu.

– Já vou cuidar disso.

O Lugar Seguro era exatamente isso: um lugar seguro para as fêmeas vítimas de violência doméstica em busca de abrigo e reabilitação junto com seus filhos. E depois de Marissa ter passado incontáveis séculos inúteis na *glymera*, sendo apenas a noiva não reclamada do Rei, encontrara a sua vocação ali, a serviço daquelas que foram, na melhor das hipóteses, abusadas verbalmente, e na pior, tratadas de maneira horrenda.

Não era permitida a entrada de machos ali.

Mas, para salvar a vida daquela fêmea, ela teria que infringir aquela regra.

Atenda o telefone, Manny, pensou no primeiro toque. Atenda o seu maldito telefone...